

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário Catarinense Class.: Guarani SC 1734

Data: 05/11/93 Pg.: \_\_\_\_\_

### ▼ JOINVILLE

## Famílias ocupam área do DNER às margens da 101

*Índios guaranis e retirantes do Paraná estão vivendo no local há cinco meses. Situação preocupa*

Joinville - Duas famílias de índios guaranis da região de São Miguel do Oeste e uma família de retirantes do Paraná estão vivendo há cerca de cinco meses



na faixa de domínio do DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem) que fica às margens da BR-101, no quilômetro 49, que pertence ao trecho de Joinville. Passando por toda espécie de dificuldades para sobreviver, esses índios argumentam que não sabiam que estas terras são do Governo Federal e consideradas de utilidade pública.

Temendo que ocorram novas invasões, o vereador Odir Nunes (PFL) apresentou uma moção, na sessão de ontem à noite, pedindo que a Câmara encaminhe ofício ao DNER pedindo uma rigorosa fiscalização. Ele teme que a entrada de Joinville seja transformada numa grande

### Vida difícil



PAULO DE ARAUJO/OC/Joinville

*Família indígena passa fome quando não consegue vender os cestos que produz*

favela, a exemplo do que aconteceu na Via Expressa, em Florianópolis. "Ainda são apenas três famílias, mas se não tomarem nenhuma providência a proliferação de invasores será rápida", argumenta o vereador.

O engenheiro responsável pelo DNER local, João José da Silveira Vieira, estava na Capital ontem, participan-

do de uma reunião, e não foi localizado. Um dos fiscais do Departamento informou que a PRF (Polícia Rodoviária Federal) pode ajudar no caso, já que existe um convênio entre estas instituições. A Prefeitura deverá ser chamada para intervir na remoção das famílias.

**POBREZA** - O cacique Aparício Silva estava bastante nervoso e com medo de ser expulso do local. Ele

contou que no último sábado dois homens estiveram na área ameaçando seus familiares e determinando que saíssem. "Não depredamos nada, pois só usamos a lenha seca para o fogo e sobrevivemos da venda do artesanato e da caça artesanal." Com a venda de arcos e cestas de bambu, por preços de CR\$ 500 a CR\$ 1 mil, ele e a mulher, Ana, compram arroz e feijão.

## Acampados lutam contra pobreza

A rotina da família do cacique Aparício é marcada pela pobreza. No acampamento improvisado com um pedaço de plástico e alguns panos velhos, além dele estão vivendo a filha e o marido e mais cinco crianças, todas menores de 6 anos. Aparício diz que no período de chuva eles passam fome, pois ninguém pára na estrada para comprar os cestos e a caça fica reduzida. "Se fosse permitido, eu queria

limpar um pedaço desta terra e fazer uma horta. Mas não tenho ferramentas e ontem, quando fui pegar um pedaço de lenha seca, estava sem machado e acabei me machucando no rosto", contou enquanto mostrava o ferimento perto do olho.

Ana, que praticamente não entende português, diz que o barulho dos caminhões e carros que passam durante todo o dia e a noite

não incomodam. Precisamos de terra para viver, pois em São Miguel não tínhamos mais condições de sustento. Saímos andando de lá no ano passado, visitamos uns parentes em Paranaguá e agora demos uma parada aqui", comenta.

Se esta família dá a impressão de que ocupa a área de forma provisória, como costumam fazer os ciganos, a outra, que está na margem oposta da BR-101 construiu

uma casa de madeira, colocou uma placa na entrada avisando os visitantes para terem cuidado com o cachorro e sobrevive fazendo bicos no centro de Joinville. A informação é de um trabalhador que costuma conversar com os moradores do acampamento, de nome Lourenço. "Moro no São Marcos, mas sempre paro aqui para conversar", afirmou.